

PEDRO COSTA

Lago São Bartolomeu: mais água e menos demagogia

LEILA FERREIRA
Editoria de Cultura

Continua aceso o debate em torno da formação do Lago São Bartolomeu, apontada pelo Governo do Distrito Federal como a única saída efetiva para o problema do abastecimento de água em Brasília. Acusado de representar uma ameaça ao equilíbrio ecológico de uma extensa região e de ser uma obra faraônica cujos custos seriam incompatíveis com a austeridade pretendida pela Nova República, o lago sofre ainda a crítica dos que consideram uma insensatez investir recursos tão altos para solucionar um problema que só afligiria a Capital daqui a uma década.

O arquiteto Pedro Costa, membro do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente do DF e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano (CNDU), está do outro lado do debate, ou seja, faz parte dos que defendem a formação do Lago São Bartolomeu apesar de todas as dificuldades que o projeto possa envolver.

Em carta enviada recentemente ao governador José Aparecido, Pedro Costa classifica a formação do lago como "a única solução de abastecimento d'água para o inevitável aumento populacional" de Brasília e pede que a decisão, a seu ver "um gesto de verdadeira justiça social", seja tomada "com a maior brevidade". Na carta, o arquiteto discorre ainda sobre a questão dos loteamentos irregulares no DF, as falhas do simpósio Brasília: Concepção, Realidade, Destino (organizado recentemente pelo GDF) e o "desapreço com que a Universidade de Brasília trata as obras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer". Em entrevista ao CORREIO BRAZILIENSE, Pedro Costa fala dos mesmos temas que abordou com o Governador. O tom também é o mesmo da carta: direto. Ele não teme a polêmica que suas palavras possam provocar. Pelo contrário: afirma esperar a discussão, que a seu ver só traria benefícios a Brasília.

— O Lago São Bartolomeu, para alguns, não deve sair do papel. Para outros, é a única saída para o problema do abastecimento de água em Brasília. Como é que o senhor se coloca em meio a essa polêmica?

— Eu não acho que a formação do lago seja um assunto polêmico. Acho que houve uma polêmica, provocada, de um lado, por uma exploração política, eleitoral, e, de outro, por uma exploração comercial. Mas o assunto é bastante simples, a meu ver. Já existe hoje uma carência, um déficit no abastecimento de água a Brasília. Esse déficit poderia ser menor, na medida em que se fizessem algumas correções, algumas obras de menor porte. Isso já está sendo feito, mas passada essa fase de otimização do sistema existente em pouquíssimo tempo se voltará a ter um déficit no abastecimento, porque não se pode parar o crescimento da população. Não há como estabelecer fronteiras com arame farpado e passaporte. Por mais que seja possível estabelecer num prazo curto uma política nacional de desenvolvimento urbano que corrija as migrações sucessivas, isso não acontecerá a tempo de se evitar um crescimento em Brasília que ultrapasse a capacidade do sistema existente, com todas as correções que lhe possam ser feitas.

Então, a única solução que existe é procurar uma modificação do sistema que dê um aporte realmente substancial, que resolva o problema em uma perspectiva bastante ampla. E no Distrito Federal, aparentemente (eu digo aparentemente porque estou falando do ponto de vista de um estudioso de problemas espaciais e não de problemas de água, não existe nenhuma alternativa que não seja o São Bartolomeu. A hipótese de se captar água fora do DF é complicada: se o controle do uso do solo aqui dentro já é difícil, fora seria impossível. Há ainda a hipótese

EUGENIO NOVAES



“Eu não acho que a formação do Lago São Bartolomeu seja um assunto polêmico. Acho que houve uma polêmica, provocada, de um lado por uma exploração política e, de outro, por uma exploração comercial”

levantada pelo doutor Benjamim Sicsu de se tomar a água no subsolo. Ele é um homem muito interessante, de idéias realmente curiosas, mas não acredito que isso pudesse ser feito no porte que seria preciso para o abastecimento do DF a longo prazo. Creio que se estaria entrando em uma aventura tecnológica. Acho que é uma hipótese que deve ser examinada, mas não para situações críticas, para uma decisão que vai afetar milhões de pessoas.

— O senhor acredita que o Lago São Bartolomeu possa ser concluído a tempo de evitar a crise que se prevê?

— É uma coisa muito difícil de se dizer, porque depende não só dos fatores de crescimento como também da possibilidade de otimização do sistema, que é uma coisa até certo ponto imponderável. Há, além disso, os fatores climáticos: na medida em que chova mais ou menos, a escassez se dará antes ou depois. Mas a escassez já começou. Brasília funciona hoje com uma folga menor que a folga padrão, ou seja, o abastecimento de Brasília é um abastecimento que pode resultar em racionamentos de maior ou menor porte. Por isso, se houver algum contratempo, e se a obra do Lago São Bartolomeu se arrastar por mais tempo que o necessário, Brasília sofrerá um baque muito violento. De modo que eu acho que não há tempo para desviar o problema do caminho principal. A não-construção do lago teria consequências tão danosas que me parece que é um assunto que não pode ser postergado de nenhuma maneira.

— E as consequências da construção?

— As consequências da construção me parece que não são de maior monta. A consequência maior é a perda de alguns espaços ecológicos, mas isso me parece mais ou menos fatal para qualquer solução.

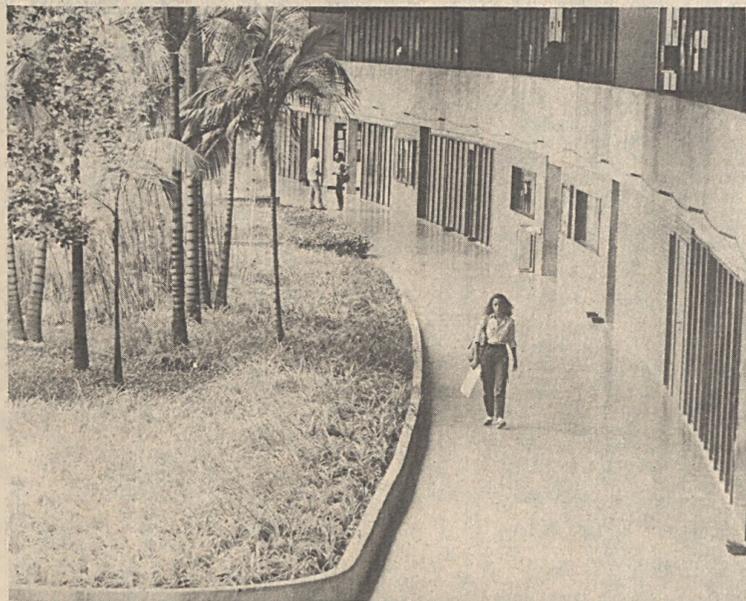
— Na carta ao Governador o senhor

menção os loteamentos irregulares na área do São Bartolomeu. Como é que o senhor vê essa questão?

— Eu acho que esse é um problema bastante sério. O Governador tem tomado providências, tem tratado com coragem dessas quadrilhas, e eu falo de quadrilhas porque se trata de crime. Existe uma lei federal que considera crime todo loteamento feito sem autorização do poder público municipal. Dos 130 loteamentos levantados pela Secretaria de Viação e Obras, não houve nenhum que apresentasse documento de regularização. Esses loteamentos são equivalentes a uma pessoa que chegue à Esplanada dos Ministérios e comece a construir lá a sua casa. Não cabe ao Governo do Distrito Federal discutir se é ou não legal — é expressamente ilegal. Então o que o Governo tem que fazer é ir lá, com seu poder de polícia, e coibir essa ilegalidade, esse crime. Ele já está fazendo isso, mas eu creio que poderia fazê-lo de uma maneira mais enfática. A população tem que estar consciente do caráter de crime que reveste a ação desses loteadores.

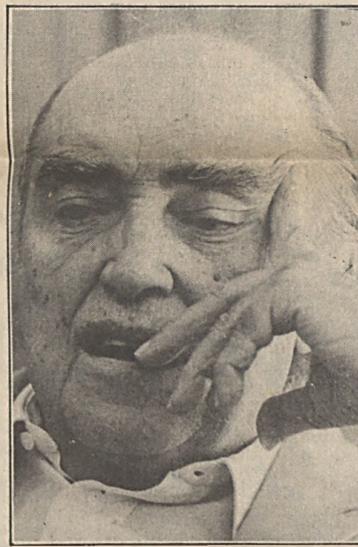
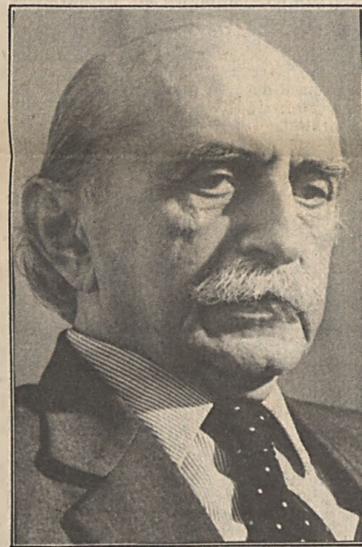
O problema essencial, a meu ver, é mais do que a presença de loteamentos irregulares numa área que será inundada, ou vizinhos a ela: é a violação das regras de urbanização do Distrito Federal que isso representa. O Governo tolerar isso significaria tolerar uma política de descontrole, em que cada um faz a ocupação do espaço que deseja. Não é o problema de um loteamento particular que irá destruir Brasília, mas na medida em que ele se some a outros, e que a tolerância a eles sirva de estímulo para a criação de mais, isso significa a destruição de Brasília como um espaço razoavelmente ordenado.

— O senhor afirmou na carta ao Governador, que a UnB tem demonstrado desapreço pelas obras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O senhor não acha



“Acho que há um desapareço pela obra de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa por parte de alguns profissionais arquitetos e urbanistas que, infelizmente, predominam entre os que ensinam arquitetura e urbanismo na universidade”

Pedro Costa



que Brasília, como toda cidade viva e dinâmica, tem o direito de ser revista e repensada, eventualmente, por seus habitantes?

— Eu acho, em primeiro lugar, que a ocupação do espaço se dá de maneira mais ou menos espontânea e de forma mais ou menos própria, no sentido de permitir que as pessoas vivam melhor ou pior, e no sentido de causar maior ou menor dano aos outros ou à natureza, e que o papel do urbanista ou do arquiteto é justamente encontrar esses pontos de equilíbrio e, em cima disso, criar, então, realizar um ato de criação artística. O que aconteceu em Brasília, a meu ver, foi um momento de extrema felicidade, onde se teve, ao mesmo tempo, uma proposta de urbanização bastante simples, baseada em postulados que já se conhecia (embora nunca tivessem sido aplicados globalmente como em Brasília), e um momento de arquitetura absolutamente excepcional, onde a delimitação que vinha se produzindo, do fim do funcionalismo puro e simples e da abertura a uma forma mais rica, pôde então se mostrar em plenitude. A arquitetura de Brasília é realmente um marco na história da cultura da humanidade, e não há nenhum registro da história da arquitetura contemporânea que a omita. Pois tudo isso é deixado de lado, não só por profissionais que têm toda a liberdade de discutir a questão, mas — e aí está o que realmente considero grave — no momento de se transmitir aos estudantes o que foi e o que é esse evento. Acho que há realmente um desapareço pela obra de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa por parte de alguns profissionais arquitetos, e urbanistas, e que, infelizmente, predominam entre eles os que ensinam arquitetura e urbanismo na Universidade.

Acho ainda que, sendo dinâmicos tanto a arquitetura quanto o urbanismo, eles têm que ser adaptados e corri-

gidos, mas que essas adaptações e correções têm que ser feitas sem violar a proposta inicial. No caso da urbanização de Brasília, há um trabalho extremamente interessante feito por Maria Elisa Costa mostrando como o projeto de Brasília evoluiu no Plano Piloto para que o que existe hoje, e onde ela transmite as observações de Lúcio Costa sobre o que se deve fazer para corrigir as distorções existentes. Esse documento é uma prova de que Brasília não é uma cidade estática. Quanto ao que se tem dito de que o Niemeyer tem um privilégio, de que só ele pode projetar em Brasília, isso é evidentemente falso, porque o número de obras que existem aqui é infinitamente superior ao número de projetos que ele faz. O que não devemos querer é que a presença do maior arquiteto que o Brasil já teve deixe de existir em Brasília, que ele deixe de dar sua colaboração à cidade.

— O senhor considera Brasília uma experiência bem-sucedida. No seminário "Brasília: Concepção, Realidade, Destino," que contou com sua participação, foi essa a visão predominante da Capital?

— Não, pelo contrário. Acho que se alguma idéia se firmou no seminário foi a de que Brasília deveria ser rejeitada, embora não tenha havido nenhuma manifestação fundamentada nesse sentido. O seminário se desviou, passou ao largo de Brasília. Começou com uma manifestação extremamente oportuna do Presidente de que há um problema nacional de urbanização, mas não passou disso. Eu não vi nenhuma idéia nova aceitável, nada que já não tivesse sido dito, ouvido, repetido. Acho que realmente falta uma discussão mais ampla sobre Brasília. Ela não é uma cidade perfeita: há críticas muito sérias e bem fundamentadas sobre a Capital. Só que não se ouviu nada disso no seminário.